

HARALD SCHULTZ: *Hombu, Indian Life in the Brazilian Jungle*. 32 págs., frontispício, 1 mapa, 126 fotografias em pranchas fora do texto. Colibris Editôra Ltda. Rio de Janeiro e Amsterdam, 1962.

"Hombu" significa "olhe aqui" na língua dos Krahó. O título vale por um convite para a apreensão visual de aspectos vários da cultura e da vida quotidiana dos indígenas representados no magnífico volume. A arte de Harald Schultz, assistente de etnologia do Museu Paulista, é por demais conhecida dentro e fora das fronteiras do país para que se lhe tenham maiores elogios.

Ainda que o livro apele em primeiro lugar para a visão, seria injusto classificá-lo como simples documentário fotográfico. A preocupação estética está presente em toda a obra. A intenção do autor, que conviveu por longos períodos com tribos indígenas de todas as regiões do Brasil, é a de transmitir pela imagem "ao leitor o que de humano há no índio, o incompreensível que em toda parte une a humanidade por estar presente em cada um de nós" (pág. 1).

Através de instantâneos fotográficos em preto e branco e a cores, todos muito bem escolhidos e bastante expressivos, Schultz ilustra de forma sugestiva a vida de nove tribos brasileiras. Cinco se encontram na bacia amazônica (Makú-Guariba, Tukúna, Kaxináwa, Urukú e Suyá), três na do Tocantins-Araguaia (Krahó, Karajá e Javahé) e uma no alto Paraguai (Umutína). A dos Krahó, cujo idioma pertence à grande família lingüística jê, é representada pelo número maior de fotografias. O texto se divide em duas partes; a primeira traz uma caracterização sumária das nove tribos, na segunda se comentam os tipos humanos, as cenas e os elementos culturais representados nas fotografias. Não se trata de simples legendas, mas o autor procura antes tomar a imagem como ensejo para informes mais gerais sobre o contexto em que esta se inscreve. E diga-se que o fez com habilidade.

"Hombu" não é obra para especialistas, mas para um público mais amplo. Nem por isso deixa o etnólogo de encontrar aí coisas novas e de valor. Aliás, não é fácil fazer um livro que, sem poder conformar-se a um roteiro ditado pela lógica inerente à discussão dos assuntos científicos, por esbarrar com problemas editoriais e de outra natureza, pretenda, assim mesmo, corresponder em certa medida à expectativa do estudioso. Já a seqüência das ilustrações deve obedecer a requisitos gráficos ou estéticos em vez de atender à ordem dos temas ou das unidades tribais. Difícil é também encontrar o meio-térmo entre a idéia geral do índio, que interessa ao leitor comum, e os traços característicos essenciais de cada cultura, que o etnólogo deseja conhecer. O autor resolveu êsses problemas a contento. Mas o que dá ao livro o seu maior encanto é que Schultz, com toda a sua objetividade, não procura dar uma simples imagem impessoal do índio, mas antes fazer o leitor participar da vivência que ele próprio teve da vida dos silvícolas, quer nos seus aspectos triviais, quer nos momentos de cerimônias e festas. Fá-lo participar das alegrias e dos sofrimentos do índio, fá-lo saber e ver, através de um certo número de elementos concretos e de situações típicas, como é que este obtém o pão de cada dia, como percorre as diferentes fases do ciclo individual de vida, como se integra na vida comunitária, como se diverte, como lida com a morte e com o mundo sobrenatural. Não há, e evidentemente não poderia haver, nenhuma pretensão de proporcionar um conhecimento completo e integrado de todas essas coisas, mas nada mais do que o intuito de satisfazer a curiosidade de quem desejaria saber algo do que "está atrás" de cada uma das fotografias. Destas, as de maior interesse etnológico são talvez as que se referem ao preparo dos alimentos (por exemplo, mulheres makú fazendo comida dos frutos da pupunha, a fabricação de um grande pão de milho pelos Umutína, o gigantesco pastel de carne dos Krahó), à pes-

ca entre os Karajá e os Kaxináwa, às danças de fertilidade dos Javahé e dos Karajá, aos rituais fúnebres dos Umutina e dos Krahó e, em especial, as que mostram várias fases da festa da "moça nova" entre os Tukúna. No meio de tudo isso, muitos exemplos que ilustram as preocupações estéticas dos índios, sobretudo dos Karajá, dos Tukúna e dos Kaxináwa. Vale a pena olhar com um pouco de atenção essas primitivas obras de arte pelo muito que nos dizem da alma de quem as produziu.

Se outro mérito não tivesse, caberia ao livro o de mostrar o índio genuíno, em carne e osso, digno de estudo científico, mas também de simpatia humana. E isso sem dramatizar e sem descambar para o sentimental.

Egon Schaden

ANTONIO TOVAR: *Catálogo de las lenguas de América del Sur*. Enumeración, con indicaciones tipológicas, bibliografía y mapas. 410 págs. Editorial Sudamericana. Buenos Aires, 1961.

Antonio Tovar, ex-reitor da Universidade de Salamanca, ex-professor da Universidade de Tucumán e atual catedrático da Universidade de Illinois, investigador de renome da ciência da linguagem, publicou este útil catálogo das línguas indígenas da América do Sul, com o objetivo de fornecer bases para o estudo dos falares nativos sul-americanos e, ao mesmo tempo, despertar entre os estudiosos deste ramo um espírito científico de maneira a criar, no seu entender, uma uniformidade de conhecimento objetivo que hoje falta (pág. 8).

Baseando-se em trabalhos de Mason, Rivet e Loukotka o autor, em 24 capítulos, a partir do extremo sul de nosso continente, faz a enumeração das línguas, estabelecendo as suas filiações e dando ligeiros informes histórico-geográficos (págs. 15-186). Em capítulo final (págs. 186-194) estuda, de maneira sucinta, as relações e mútuas influências das línguas indígenas com o castelhano e o português, incluindo ainda um ensaio sobre tipologia das línguas (págs. 194-199). As páginas 203-370 são ocupadas por uma exaustiva bibliografia a qual, sem dúvida alguma, é a mais útil secção do *Catálogo*, em que pèse à citação de trabalhos que nada tem a ver com lingüística. Seis bons mapas foram inseridos no livro: cinco reservados à distribuição das línguas das famílias Quéchua, Tupi-Guarani, Arawak, Caribe e Chibcha e um geral, onde estão relacionadas 204 línguas e dialetos, com exclusão das famílias retro mencionadas.

Como toda obra de caráter geral, o trabalho de Tovar apresenta inúmeros pontos passíveis de discussão e aos mais exigentes lingüistas ela não satisfaz plenamente, embora proporcione uma excelente visão de conjunto do panorama lingüístico sul-americano.

A abordagem de todos os aspectos que se nos afiguram como deficientes ou controversos no *Catálogo* requereria uma explanação tão minuciosa que fugiria, assim o supomos, ao escopo de uma resenha bibliográfica. A grafia dos nomes dos grupos indígenas, por exemplo, para citar alguns pontos que mais merecem reparos, não é uniforme. Tovar não nos apresenta qualquer tentativa de pôr uma certa ordem no caos que impera neste setor. Os juízos emitidos nas notas tipológicas esparsas entre as páginas 15-186, e que representam a sua maior contribuição pessoal, são dentre todos os aspectos abordados pelo autor, os que oferecem melhores oportunidades para amplos debates, pois nem sempre as suas assertivas são satisfatórias. É bastante estranha a afirmação de Tovar (pág. 8) de que "faltan centros de estudios, una revista especializada, una escuela de investigaciones homogeneas", principalmente se consideramos